

“DE FIDE RERUM INVISIBILIIUM” - A FÉ NAS COISAS QUE NÃO SE VEEM¹

Santo Agostinho

Introdução

Esta pequena obra de Santo Agostinho, que agora se traduz para o português, é conhecida unanimemente pela tradição manuscrita com o título *De fide rerum invisibilium*.² Sua autenticidade chegou a ser contestada por Erasmo, uma vez que o próprio Santo Agostinho não a enumerou em suas *Retractationes*, escrito onde faz uma lista e revê seus 232 livros (o número real chega a 252).³ No entanto, confirma-se a originalidade desta obra graças à Epístola 231,7 enviada a seu amigo Dario, na qual ela é mencionada com o nome de *De fide rerum quae non videntur*, nome mantido por alguns editores, como o da Patrologia Latina.⁴

Atualmente, os comentaristas são unânimes em atribuir este escrito a Agostinho. A sua datação deve ser situada após o ano de 399, pela alegação de que as referências a respeito da destruição das estátuas e da demolição dos templos⁵ se reportassem à promulgação da lei antipagã, pelo imperador Honório, no norte da África, naquele mesmo ano.⁶ Outros autores, como Plumer, afirmam simplesmente que esta obra foi escrita por volta do ano 400.⁷

1) Original extraído de *De fide rerum invisibilium*. M.P.J. VAN DEN HOUT (ed.). In: *Aurelii Augustini Opera* (pars XIII, 2). *Corpus christianorum series latina* (=CCL), v. 46, p. 1-19. Tradução, introdução e notas: Diác. Felipe de Azevedo Ramos, EP. Os números entre colchetes correspondem à numeração de páginas desta edição.

2) Isso se pode comprovar pela relação de *incipits* dos 34 manuscritos enumerados na CCL 46, p. 1.

3) Cf. FITZGERALD, Allan D. *Retractationes*. In: ID. (ed.). *Augustine Through the Ages: An Encyclopedia*. Grand Rapids, Mich: William B. Eerdmans, 1999, p. 724.

4) Cf. PL 40, 171.

5) Cf. infra VII, 10.

6) FIEDROWICZ, Michael. Introduction to *Faith in the Unseen*. In: AUGUSTINE. *Trilogy on Faith and Happiness*. Boniface Ramsey (ed.). Hyde Park, N.Y.: New City Press, 2010, p. 57.

7) PLUMER, Eric. *De fide rerum invisibilium*. In: FITZGERALD, Allan D. (ed.). *Augustine Through the Ages: An Encyclopedia*. Grand Rapids, Mich: William B. Eerdmans, 1999, p. 360.

É difícil precisar o gênero literário deste escrito, mas pelo vocativo da parte final, “*Vos autem, carissimi*”,⁸ parece ter origem num sermão, como ocorreu em outros tratados. Outra razão para essa hipótese é que, não figurando entre as obras das *Retractationes*, poderia ser considerada como um *sermo* (ou *tractatus popularis*) para os catecúmenos ou recém-batizados, pois Agostinho exorta a assembleia com as seguintes palavras: “*Qui hanc fidem habetis uel qui nunc nouam habere coepistis*”.⁹

Quanto ao estilo, é interessante notar o belo tom apologético, aliado à exortação para a Fé, tanto na ordem direta, ou seja, as razões pelas quais se deve crer nas coisas que não se veem, como também as refutações das premissas do adversário, o qual seria posto em contradição se afirmasse que não se deveria crer nas coisas invisíveis. Esse encorajamento agostiniano à Fé poderia ser uma preparação feita pelo Doutor da Graça àqueles que ainda estão iniciando sua adesão ao Credo da Igreja, personificada numa mãe que conforta seus filhos com palavras de materno amor, a respeito da história da salvação.¹⁰ Além disso, na exortação conclusiva, Santo Agostinho ressalta a importância de não se esmorecer na Fé, seja devido aos enganos, falácias ou falsidades dos não cristãos, seja pelo mau exemplo daqueles que aderiram à Igreja: “*Nec uos decipiant uel uani pagani uel falsi iudaei uel fallaces haeretici nec non in ipsa catholica mali Christiani, tanto nocentiores, quanto interiores inimici*”.¹¹

Agostinho, outrora professor de Retórica, cuja *cathedra mendacii*¹² de Milão abandonara, mantém aqui um estilo retórico marcadamente ciceroniano de *docere, delectare e mouere* (ensinar, agradar e persuadir). No entanto, volta-se frequentemente para as palavras das Sagradas Escrituras, o novo modelo de Retórica, adotado, aliás, ao longo de toda a Idade Média.

Nesta breve obra transparece, decerto, o caráter argumentativo e oratório do discurso, a fim de persuadir e convencer efetivamente o interlocutor. E, de fato, ele o faz de modo lúcido, claro e rico em expressões. O raciocínio inicial, de índole filosófica, revela a ideia de que não somente Deus, ou mesmo as realidades sobrenaturais, são invisíveis — e por essa razão não se deveria nelas crer, segundo os incrédulos —, mas também diversas outras realidades

8) Cf. infra VIII, 11.

9) Cf. infra VIII, 11.

10) Cf. infra III, 5.

11) Cf. infra VIII, 11.

12) *Confessionum*, IX, 2.4 (CCL 27, p. 135, l. 45-46).

que, caso não fossem objetos de crença — como a amizade, o amor, a identidade dos próprios pais, os eventos passados —, provocariam inauditos desastres.

Em seguida, passa para os argumentos relativos à fé em Jesus Cristo, tanto pelos acontecimentos profetizados e cumpridos, quanto por suas ações miraculosas, ou mesmo pela consideração do fato de que tantas nações diferentes a Ele acorrerem. Mas, ainda que os ímpios não quisessem crer nas coisas invisíveis, justamente porque não apresentam comprovação empírica, Santo Agostinho oferece ainda a possibilidade de ver as realidades presentes que ocorrem na Igreja, as quais são simplesmente inegáveis.¹³ Além disso, demonstra pela impossibilidade do contrário, ou seja, como os fatos ocorreram com a instituição da Igreja, apesar de todas as circunstâncias opostas, como, por exemplo, a inimizade dos judeus aos cristãos, a ignorância e traição dos próprios discípulos de Jesus Cristo, sua Paixão e Crucifixão ignominiosa. E como, ainda depois disso, a Igreja pôde inspirar tantos e tantos mártires a morrer por ela. No entanto, o Bispo de Hipona considera que até mesmo a narração da vida de Jesus nos Evangelhos ocorreu de acordo com o cumprimento das profecias, argumentando que, se os Apóstolos tivessem querido falsificá-la, deveriam eles ter se calado sobre o que se passou com eles próprios. Por fim, Santo Agostinho arremata o opúsculo exortando à conservação da Fé, a qual deve estar atenta às promessas feitas pelos antigos e que não se deixará enganar, até o dia do Juízo Final, quando se dará a separação dos peixes maus (aqueles que não creram), dos peixes bons (aqueles que creram).

13) Cf. *infra* IV, 7

Tradução

[1] I, 1. Sunt qui putant Christianam religionem propterea ridendam potius quam tenendam, quia in ea non res quae uideatur ostenditur, sed fides rerum quae non uidentur hominibus imperatur. Nos ergo ad hos refellendos, qui prudenter sibi uidentur nolle credere, quod uideri non possunt, etsi non ualemus humanis aspectibus monstrare diuina quae credimus, tamen humanis mentibus etiam illa quae non uidentur credenda esse monstramus.

Ac primum isti, quos oculis carnis sic stultitia fecit obnoxios, ut quod per eos non cernunt, non sibi existiment esse credendum, admonendi sunt, quam multa non solum credant, uerum etiam sciant, quae talibus oculis uideri non possunt. Quae cum sint innumerabilia in ipso animo nostro, cuius inuisibilis est natura, ut alia taceam, fides ipsa, qua credimus, siue cogitatio, qua nos uel credere [2] aliquid uel non credere nouimus, cum prorsus aliena sit ab istorum conspectibus oculorum, quid tam nudum, tam clarum, quid tam certum est interioribus uisibus animorum? Quomodo ergo credendum non est quod corporeis oculis non uidemus, cum uel credere nos uel non credere, ubi corporeos oculos adhibere non pos-

I, 1. Há alguns que consideram ser a religião cristã antes objeto de ridículo do que de adesão, porque o que ela mostra não são as coisas visíveis, mas manda que os homens tenham fé naquilo que vai além de sua visão. Assim, para refutar àqueles que se consideram prudentes por se recusarem crer no que não podem ver, nós, embora não sejamos capazes de mostrar aos olhos humanos as [realidades] divinas em que cremos, no entanto, mostramos às mentes humanas que também se deve crer nas coisas que não se veem.

Em primeiro lugar, dirigimo-nos àqueles que a estultícia fez escravos dos olhos carnis, que julgam que não se deve crer a não ser naquilo que com eles discernem. Mas, hão de lembrar-se que existem muitas coisas em que, não somente creem, mas conhecem, e que não podem ser vistas com tais olhos. Em nossa própria mente, que é invisível por natureza, são inumeráveis as que existem. Para não falar de outras coisas, a própria fé, pela qual cremos, ou o pensamento, por meio do qual sabemos crer ou não crer em algo, estão totalmente fora do alcance dos olhos. O que pode ser mais evidente, claro e certo que a visão interior das mentes? Como, então, podemos não crer naquilo que não vemos com os olhos do corpo, quando, sem dúvida, vemos que cre-

sumus, sine ulla dubitatione uideamus?

2. “Sed”, inquit, “ista quae in animo sunt, cum possimus ipso animo cernere, non opus habemus per oculos corporis nosse; quae autem dicitis uos ut credamus, nec foris ostenditis, ut ea per oculos corporis nouerimus, nec intus in animo nostro sunt, ut ea cogitando uideamus”. Sic ista dicunt, quasi quisquam credere iuberetur, si iam sibi praesentatum posset uidere quod creditur. Ideo utique debemus credere nonnulla etiam temporalia quae non uidemus, ut aeterna etiam mereamur uidere quae credimus.

Sed quisquis es, qui non uis credere nisi quod uides, ecce praesentia corpora corporeis oculis uides, praesentes uoluntates et cogitationes tuas, quia in animo tuo sunt, ipso animo uides: dici mihi, obsecro te, amici tui erga te uoluntatem quibus oculis uides? Nulla enim uoluntas corporeis oculis uideri potest. An uero etiam hoc uides animo tuo, quod in animo agitur alieno?

Quod si non uides, quomodo amicali beneuolentiae uicem rependis, si quod non potes uidere non credis? An forte dicturus es alterius uolun-

mos ou que não cremos, mesmo sem a assistência dos olhos corpóreos?

2. “Mas — dizem — podemos perceber com a própria mente as coisas que nela estão; não há necessidade de conhecê-las mediante os olhos do corpo. As coisas, porém, que vós dizeis que devamos crer, não as mostrais exteriormente, para que as conheçamos com os olhos do corpo, nem estão dentro de nossa mente, para que as vejamos enquanto pensamos”. Eis o que dizem, como se a alguém fosse mandado crer naquilo que fosse possível ver diante de si. Por isso, de qualquer forma, devemos também crer em algumas realidades temporais que não vemos, para que também mereçamos ver aquelas eternas em que cremos.

Mas, quem quer que sejas, que recusas crer senão naquilo que vês, eis que com os olhos do corpo vês os corpos presentes, e com a tua própria mente vês tuas vontades e pensamentos, porque estão em tua mente. Dize-me, rogo-te, com que olhos vês a boa disposição de teus amigos para contigo? Deveras, nenhuma boa disposição podes ver com os olhos do corpo. Ou vês, porventura, com a tua mente, mesmo o que acontece na mente de outrem?

Mas, se não o vês, como retribuís com reciprocidade as benevolências da amizade, uma vez que não crês naquilo que não podes

tatem per eius opera te uidere? Ergo facta uisurus et uerba es auditurus, de amici autem uoluntate id quod uideri et audiri non potest, crediturus. Non enim uoluntas illa color est aut figura, ut oculis ingeratur, uel sonus aut cantilena, ut auribus illabatur, aut uoluntas tua est, ut tui cordis affectione sentiatur: restat itaque, ut nec uisa nec audita nec apud te intus conspecta [3] credatur, ne tua uita deserta sine ulla amicitia relinquatur uel impensa tibi dilectio uicissim abs te non rependatur.

Vbi est ergo quod dicebas te credere non debere, nisi quod uideres aut extrinsecus corpore aut intrinsecus corde? Ecce, ex corde tuo credis cordi non tuo, et quo nec carnis nec mentis dirigis aciem, accommodas fidem. Amici faciem cernis corpore tuo, fidem tuam cernis animo tuo; amici uero non abs te amantur fides, si in te mutuo nulla sit fides, qua credas quod in illo non uides. Quamuis homo possit et fallere fingendo beneuolentiam, tegendo malitiam; aut, si nocere non cogitat, tamen exspectando a te aliquam commoditatem simulat, quia caritatem non habet.

ver? Ou, por acaso, estás a dizer que vês a boa disposição do outro por suas obras? Portanto, os fatos serão vistos e as palavras ouvidas, mas na boa disposição do amigo, que não pode ser vista nem ouvida, terás que crer. De fato, essa disposição não é nem uma cor nem uma figura que penetra pelos olhos, nem um som ou uma melodia que penetra pelos ouvidos, nem uma disposição de teu coração sentida por tua vontade. Portanto, não te resta senão crer naquilo que não é visto, nem ouvido, nem percebido em teu interior, para que, sem qualquer amizade, a tua vida não seja deixada na solidão, ou o amor que recebes não seja por ti retribuído.

Então, onde está aquilo que dizias que não se deve crer senão naquilo que vês, seja externamente, com o corpo, seja internamente, com o coração? Eis que com o teu coração crês num coração que não é teu, e onde não diriges a vista da carne ou da mente, aplicas a fé. A face de teu amigo a podes ver com o teu corpo, com a tua mente podes ver a tua fé; mas a fé de teu amigo não a podes amar, se, por sua vez, não há em ti a fé, com a qual possas crer naquilo que não vês. Se bem que o homem também pode enganar, fingindo benevolência e escondendo a maldade; ou, se não pensa em prejudicar, no entanto, na esperança de tirar de ti alguma vanta-

3. Sed dicis ideo te credere amico, cuius uidere cor non potes, quia in tuis temptationibus eum probasti et, cuiusmodi animum erga te haberet in tuis periculis, ubi te non deseruit, cognouisti. Numquid ergo, ut amicorum probetur erga nos caritas, uidetur tibi nostra optanda calamitas? Nec quisquam erit ex amicis certissimis felix, nisi fuerit aduersis rebus infelix, ut uidelicet explorato alterius amore non fruatur, nisi suo dolore uel timore crucietur? Et quomodo in habendis ueris amicis optari iam, non potius timeri, felicitas potest, quam [4] probare nisi infelicitas non potest? Et tamen uerum est haberi posse amicum etiam in rebus prosperis, probari autem certius in rebus aduersis. II. Sed utique, ut eum probes, periculis tuis nec te committeres, nisi crederes. Ac per hoc, cum te committis ut probes, credis antequam probes. Certe enim, si rebus non uisis credere non debemus, quandoquidem et nondum certius probatis amicorum cordibus credimus et cum ea malis nostris bona probauerimus, etiam tunc eorum erga nos beneuolentiam credimus potius quam uidemus. Nisi quia tanta fides est, ut non incongruenter quibusdam oculis eius nos iudicemus uidere quod credimus, cum propterea credere debeamus, quia uidere non possumus.

gem, age dissimuladamente, porque lhe falta a caridade.

3. Mas tu, por esse motivo, dizes que crês no amigo, cujo coração não podes ver, porque o provaste em tuas situações difíceis, e conheces-te como ele teve zelo para contigo em teus perigos, durante os quais ele não te abandonou. Por acaso, então, devemos desejar nossa desgraça, a fim de que seja provada a caridade de nossos amigos? Ninguém seria feliz por ter amigos fidelíssimos, a não ser que tivesse sido infeliz pelas adversidades, ou seja, não poderá gozar do amor seguro de outrem, se não for atormentado por sua dor ou temor? E como, então, no ato de obter amigos, pode a felicidade ser desejada, e não temida, uma vez que só a infelicidade a pode provar? E, no entanto, é verdade que se pode ter um amigo também na prosperidade, embora seja na adversidade que se tem uma prova mais segura. II. Mas, de qualquer forma, se não cresses, não te exporias ao perigo para o testar. Por isso, quando te confias a ele para o provar, crês, antes mesmo de provar. Ora, se não devemos crer nas coisas não vistas, mas cremos nos corações dos amigos, mesmo quando ainda não temos provas certas, e com isso teremos provado coisas boas em nossas adversidades, então também cremos antes que vejamos a benevolência deles em relação a nós. Tudo isso ocorre apenas porque

4. Si auferatur haec fides de rebus humanis, quis non attendat, quanta earum perturbatio et quam horrenda confusio subsequatur? Quis enim mutua caritate diligetur ab aliquo, cum sit inuisibilis ipsa dilectio, si quod non uideo, credere non debeo? Tota itaque peribit amicitia, quia non nisi mutuo amore constat. Quid enim eius poterit ab aliquo recipere, si nihil eius creditum fuerit exhiberi? Porro amicitia pereunte neque conubiorum neque cognationum et affinitatum uincula in animo seruantur, quia et in his utique amica consensio est. Non ergo coniugem coniunx uicissim diligere poterit, quando se diligi, quia ipsam dilectionem non potest uidere, non credit; nec filios habere desiderabunt, quos uicissim sibi [5] reddituros esse non credunt. Qui si nascantur et crescant, multo minus ipsi parentes suos amabunt, quorum erga se amorem in eorum cordibus, quia est inuisibilis, non uidebunt, si ea quae non uidentur non laudabili fide, sed culpabili temeritate creduntur.

tanta é a fé, que, conseqüentemente, pensamos ver, por assim dizer, com os seus olhos aquilo em que cremos. Por isso, devemos crer, porque não podemos ver.

4. Se esta fé fosse tirada das relações humanas, quem não estaria consciente da quantidade de perturbação que nelas haveria e a horrenda confusão que ocorreria? Se não devo crer naquilo que não vejo, quem seria amado mutuamente por outro, uma vez que o próprio amor é invisível? Assim desapareceria totalmente a amizade, porque essa não consiste senão no amor recíproco. De fato, o que se poderia receber de outro, se não se crê no que foi por ele manifestado? Ademais, com o fim da amizade, não se conservarão espiritualmente nem os vínculos matrimoniais, nem de consanguinidade, nem de parentela, porque também nesses há um consenso baseado na amizade. Os cônjuges, então, não poderão amar-se entre si, pois não podendo ver o amor enquanto tal, um não creará ser amado pelo outro. Nem desejarão ter filhos, por não crer que serão por eles recompensados. E, se esses nascem e crescem, amarão muito menos os próprios pais, por não verem em seus corações o amor para com eles, porque este é invisível. Assim, o crer nas coisas que não se veem, não seria uma fé louvável, mas uma temeridade culpável.

Quid iam de ceteris necessitudinibus dicam, fratrum, sororum, generorum atque socerorum et qualibet consanguinitate et affinitate iunctorum, si caritas incerta uoluntas que suspecta est et filiis parentum et parentibus filiorum, dum beneuolentia non redditur debita, quia nec deberi putatur, quando in alio quae non uidetur esse non creditur? Porro si non ingeniosa, sed odiosa est ipsa cautela, ubi nos amari non credimus, quod amorem amantium non uidemus, uicem que non rependimus quibus eam nos debere mutuam non putamus, usque adeo res humanae perturbantur, si quod non uidemus non credamus, ut omnino funditus euertantur, si nullas credamus hominum uoluntates, quas utique uidere non possumus.

Omitto dicere, quam multa isti, qui nos reprehendunt, quia credimus quae non uidemus, credant famae et historiae uel de locis, ubi ipsi non fuerunt, nec dicant: “non credimus, quia non uidimus”. Quoniam si hoc dicant, coguntur fateri incertos sibi esse parentes suos, quia et hinc aliis narrantibus — nec tamen, quia iam praeteritum est, id ostendere ualentibus — crediderunt, nullum retinentes illius temporis sensum et tamen

Além disso, o que dizer dos outros vínculos familiares — entre irmãos, irmãs, genros e sogros, e qualquer grau de consanguinidade e afinidade — se a caridade é incerta e a intenção suspeita, tanto da parte dos pais em relação aos filhos como dos filhos em relação aos pais? E a benevolência devida não é retribuída, porque não é considerada necessária; pois, sendo ela invisível, não se deve crer que exista no outro? Por outra parte, esta própria cautela não é engenhosa, mas odiosa, por onde nós não cremos que somos amados, por não vemos o amor daqueles que nos amam, e assim não retribuimos mutualmente àqueles aos quais não consideramos ser necessário. Assim, se não cremos naquilo que não podemos ver, as relações humanas se conturbariam, e seus fundamentos seriam totalmente destruídos, por não cremos em nenhuma boa vontade dos homens, a qual, por certo, não podemos ver.

Omito dizer a quantidade de coisas — a tradição, a história ou ainda os lugares em que nunca estiveram — em que creem aqueles que nos repreendem por cremos naquilo que não vemos. E tampouco dizem: “Não cremos porque não vemos”. Porque se dissessem isso, seriam obrigados a confessar a incerteza da identidade de seus pais, porque, também nesse caso, creram naquilo que outros contaram, sem contudo

aliis inde loquentibus adhibentes sine ulla dubitatione consensum. Quod nisi fiat, incurratur necesse est aduersus paren- [6] tes infidelis impietas, dum quasi uitatur in his quae uidere non possumus credendi temeritas.

III. Si igitur non credentibus nobis quae uidere non possumus, ipsa humana societas, concordia pereunte, non stabit, quanto magis est fides, quamuis quae non uidentur, rebus adhibenda diuinis: quae si non adhibeatur, non amicitia quorumlibet hominum, sed ipsa summa religio uiolatur, ut summa miseria consequatur.

5. “Sed amici hominis”, inquires, “erga me beneuolentiam, quamquam uidere non possum, multis tamen indiciis indagare possum; uos autem, quae uultis ut non uisa credamus, nullis indiciis potestis ostendere”. Interim non parum est, quod fateris quorundam indiciorum perspicuitate res aliquas, etiam quae non uidentur, credi oportere, et iam sic constat non omnia, quae non uidentur, non esse credenda, iacet que illud abiectum atque conuictum quod dicitur,

serem capazes de o demonstrar, por já ser algo do passado. E embora não conservando qualquer ideia daquele tempo, entretanto, deram consenso, sem qualquer dúvida, aos que lhes tinham falado a esse respeito. Se não fosse assim, incorrer-se-ia necessariamente numa irreverente falta de piedade contra os pais, enquanto se procura, por assim dizer, evitar a temeridade em crer naquelas coisas que não podemos ver.

III. Ora, se nos recusamos a crer naquilo que não podemos ver, a própria sociedade humana, faltando a concórdia, não poderia ficar de pé; mais ainda há de se aplicar a fé às coisas divinas, embora não sejam vistas. No caso de que ela não seja aplicada, não seria violada a amizade de um homem qualquer, mas a própria suprema religião, o que ocasionaria a suprema miséria.

5. “Mas — dirás — posso testar a benevolência de um amigo a meu respeito através de muitas provas, embora não as possa ver; enquanto que vós não podeis mostrar nenhuma prova das coisas em que quereis que creiamos sem as termos visto”. Entretanto, não é pouca coisa que admitis que se deve crer em algumas coisas, mesmo não visíveis, quando se está em presença de provas evidentes. E isso já é suficiente para concluir que nem tudo que não se vê não deve deixar de ser crido. Fica refutada e demonstra-

ea quae non uidemus non debere nos credere.

Multum autem falluntur qui putant nos sine ullis de Christo indi-
ciis credere in Christum. Nam quae
sunt indicia clariora quam ea, quae
nunc uidemus, praedicta et impleta?
Proinde qui putatis nulla esse indi-
cia, cur de Christo credere debeat-
tis quae non uidistis, attendite quae
uidetis. Ipsa uos ecclesia ore mater-
nae dilectionis alloquitur: “ego,
quam miramini per uniuersum mun-
dum fructificantem atque crescen-
tem, qualem [7] me conspiciatis, ali-
quando non fui, sed *in semine tuo
benedicentur omnes gentes*. Quan-
do Deus Abrahae benedicebat, me
promittebat: per omnes enim gen-
tes in Christi benedictione diffun-
dor. Semen Abrahae Christum suc-
cedentium generationum ordo tes-
tatur. Quod ut breuiter colligam,
Abraham genuit Isaac, Isaac genuit
Iacob, Iacob genuit duodecim filios,
ex quibus ortus est populus Isra-
el. Iacob quippe ipse appellatus est
israel. In his duodecim filiis genuit
Iudam, unde nomen est Iudaeorum,
ex quibus nata est uirgo Maria, quae
peperit Christum. Et ecce in Chris-
to, id est in semine Abrahae, bene-
dici omnes gentes uidetis et stupe-
tis; et adhuc in eum credere timetis,
in quem non credere, potius timere
debuistis!”

da como desprezível a afirmação
de que não devemos crer senão no
que vemos.

Entretanto, muito se enganam
aqueles que consideram que cremos
em Cristo sem dele termos nenhuma
prova. Porque, quais indícios seriam
mais claros que os que agora vemos,
uma vez que foram previstos e reali-
zados? Portanto, vós, que considerais
não existirem provas que não vistes
para vos obrigar a crer em Cristo, con-
siderai aquelas que vedes. A própria
Igreja, com palavras de materno amor,
vos conforta: “Eu, que vos maravi-
lho ao frutificar e crescer por todo o
mundo, outrora não era como ago-
ra me podeis ver, mas *em tua descen-
dência serão benditas todas as nações*
(Gn 22, 18). Quando Deus abençoa-
va Abraão, prometia-me: eu realmen-
te me difundo em Cristo entre todas
as nações. É comprovada pela ordem
da sucessão das gerações que Cristo
é da descendência de Abraão. Deixai-
-me recordar brevemente que Abraão
gerou Isaac, Isaac gerou Jacó, Jacó
gerou doze filhos, dos quais nasceu o
povo de Israel. O próprio Jacó, com
efeito, teve o nome de Israel. Entre os
doze filhos gerou Judá, de onde vem o
nome dos judeus, dos quais nasceu a
Virgem Maria, que deu à luz Cristo. E
eis que vedes e admirais que, em Chris-
to, isto é, na descendência de Abraão,
são benditas todas as nações. E ainda
temeis crer nele, sendo que mais deve-
ríeis temer de nele não crer!”

“An credere dubitatis uel recusatis uirginis partum, cum magis credere debeatis sic decuisse nasci hominem deum? Et hoc namque accipite per prophetam fuisse praedictum: *Ecce uirgo accipiet in utero et pariet filium et uocabunt nomen eius Emmanuel, quod est interpretatum “nobis cum Deus”*. Non ergo dubitatis uirginem parientem, si uelitis credere deum nascentem, mundi regimen non relinquentem et ad homines in carne uenientem, matri fecunditatem afferentem, integritatem non auferentem”.

“Sic hominem nasci oportebat, si semper erat Deus, ex quo nascendo fieret nobis Deus. Huic deo rursus propheta dicit: [8] *Thronus tuus, Deus, in saeculum saeculi; uirga directionis uirga regni tui. Dilexisti iustitiam et odisti iniquitatem; propterea unxit te, Deus, Deus tuus, oleo exultationis prae participibus tuis*. Ista unctio spiritalis est, qua Deus unxit deum, pater scilicet filium. Vnde appellatum a chrismate, id est ab unctione nouimus Christum”.

“Ego sum ecclesia, de qua illi in eodem psalmo dicitur et tamquam factum quod futurum fuerat praenuntiatur: *Astitit regina a dex-*

“Duvidais ou recusais crer que uma Virgem tenha dado à luz, quando antes deveríeis crer que desse modo convinha nascer o Homem Deus? E sabeis, na verdade, que também isso tinha sido predito pelo profeta: *Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão Emanuel, que quer dizer ‘Deus conosco’* (Is 7, 14). Não duvideis, portanto, que uma virgem possa dar à luz, se quereis crer num Deus que nasce, o qual, sem abandonar o governo do mundo, vem entre os homens na carne, dando a fecundidade para a Mãe, sem lhe tirar a integridade”.

“Assim era necessário que nascesse como homem, embora permanecendo Deus, porque, ao nascer, far-se-ia Deus para nós. Por isso o profeta diz, uma vez mais, a respeito de Deus: *O teu trono, ó Deus, dura para sempre; é um cetro de retidão o cetro de teu reino. Amaste a justiça e detestaste a iniquidade; pelo que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, preferindo-te aos teus iguais* (Sl 44, 7-8). Esta unção com a qual Deus ungiu Deus, ou seja, o Pai ungiu o Filho, é espiritual. Por isso, reconhecemos que Cristo é chamado assim graças à ‘crisma’, isto é, à unção”.

“Eu sou a Igreja, da qual se fala no mesmo salmo e preanuncia como ocorrido aquilo que há de acontecer: *Posta-se à tua direita a rainha em*

tris tuis, in uestitu deaurato, circumamicta uarietate, id est, in sacramento sapientiae, linguarum uarietate decorata. Ibi mihi dicitur: Audi, filia, et uide et inclina aurem tuam et obliuiscere populum tuum et domum patris tui, quia concupiuit rex speciem tuam; quoniam ipse est dominus Deus tuus et adorabunt eum filiae Tyri in muneribus, uultum tuum deprecabuntur omnes diuites plebis. Omnis gloria eius filiae regis intrinsecus, in fimbriis aureis circumamicta uarietate. Adducuntur regi uirgines post eam, proxima eius adducuntur tibi; adducuntur in laetitia et exultatione, adducuntur in templum regis. Pro patribus tuis nati sunt tibi filii; constitues eos principes super omnem terram. Memores erunt nominis tui in omni generatione et generatione. Propterea populi confitebuntur tibi in saeculum et in saeculum saeculi.

[9] 6. “Si hanc reginam non uideatis iam etiam regia prole fecundam; si non uidet impletum quod audiuit esse promissum cui dictum est: *Audi, filia, et uide*; si non reliquit ritus pristinos mundi cui dictum est: *obliuiscere populum tuum et domum patris tui*; si non ubique Christum dominum confitetur cui dictum est: *Concupiuit rex speciem tuam, quia ipse est dominus Deus*

vestes de ouro, e envolta de diversas cores (Sl 44, 10), isto é, no vínculo da sabedoria, ornada pela variedade das línguas. Neste caso, me é dito: *Ouve, ó filha, e vê e inclina o teu ouvido: esquece o teu povo e a casa paterna, porque o rei se deleitou com a tua beleza; pois Ele é o Senhor teu Deus. A Ele adorarão as filhas de Tiro com presentes, todos os ricos do povo suplicarão a tua face. Toda a glória da filha do rei está no interior; ele a envolve [com um vestido] multicolor, com franjas de ouro. Seguindo-a, as virgens serão conduzidas ao rei, a ti serão conduzidas as suas amigas mais próximas, serão conduzidas na alegria e no júbilo, serão conduzidas ao templo do rei. No lugar de teus pais, nascerão os teus filhos, e os fará príncipes sobre toda a terra. Lembrar-se-ão de teu nome, de geração em geração. Por isso, os povos te proclamam eternamente, pelos séculos dos séculos* (Sl 44, 11-18).

6. “Se não vistes esta Rainha, já fecunda, de prole real; se não se vê cumprido o que se escutava ser prometido, dizendo: *Ouve, ó filha, e vê*; se não se abandonam os costumes antigos do mundo, a quem foi dito: *Esquece o teu povo e a casa de teu pai*; se não se reconhecesse por todas as partes que Cristo é o Senhor, a quem foi dito: *Porque o rei se deleitou com a tua beleza*

tuus; si non uidet ciuitates gentium Christo preces fundere et munera offerre, de quo illi dictum est: *Adorabunt eum filiae Tyri in muneribus*; si non etiam superbia deponitur diuitum et ab ecclesia deprecantur auxilium, cui dictum est: *Vultum tuum deprecabuntur omnes diuites plebis*; si non agnoscit filiam regis, cui dicitur iussa est: *Pater noster, qui es in caelis*, et, in sanctis suis, in interiore homine *renouatur de die in diem*, de qua dictum est: *Omnis gloria eius filiae regis intrinsecus*, quamuis et oculos extraneorum fulgentes fama praedicatorum suorum in diuersitate linguarum uelut in fimbriis aureis et uestis uarietate perstringat; si non, posteaquam diffamatur in quocumque loco odore bono eius, etiam consecrandae uirgines adducuntur ad Christum, de quo dicitur et cui dicitur: *Adducentur regi uirgines post eam, proximae eius adducentur tibi*, et, ne quasi captivae in aliquem uelut carcerem uiderentur adduci, *Adducentur*, inquit, *in laetitia et exultatione, adducentur in templum regis*; si non parit filios, ex quibus habeat tamquam patres quos constituat sibi ubique rectores, cui dicitur: *Pro patribus tuis nati sunt [10] tibi filii; constitues eos principes super omnem terram*; quorum se orationibus mater et praelata et subiecta commendat; unde subiunctum est: *Memores erunt nominis tui in omni generatione et generatio-*

za; porque Ele é o Senhor teu Deus; se não se vê que as cidades dos gentios elevam preces e oferecem presentes a Cristo, de quem foi dito: A Ele adorarão as filhas de Tiro com presentes; se também os ricos não deixassem a soberba e não suplicassem o auxílio da Igreja, da qual foi dito: Todos os ricos do povo suplicarão a tua face; se não se reconhecesse a filha do rei, a quem foi mandado dizer: Pai nosso, que estais nos céus (Mt 6, 9), quem em seus santos, é renovado dia após dia (II Cor 4, 16) no homem interior, e àquela que foi dito: Toda a glória da filha do rei está no interior, embora também impressione os olhos dos estranhos com a fama refulgente de seus pregadores, na diversidade de suas línguas, como as franjas douradas de um vestido multicolor; se depois disso, o seu bom perfume a fez famosa em todos os lugares, jovens virgens não fossem conduzidas a Cristo para a Ele serem consagradas, de quem e a quem se diz: Seguindo-a, as virgens serão conduzidas ao rei, a ti serão conduzidas as suas amigas mais próximas; e a fim de que não parecesse serem conduzidas como prisioneiras num cárcere, diz: Serão conduzidas na alegria e no júbilo, serão conduzidas ao templo do rei; se não desse à luz filhos, dos quais alguns tenha como pais, aos quais constitua, onde quer que seja, seus governantes, a quem se diz: No

ne; si non propter eorundem patrum praedicationem, in qua nominis eius sine intermissione meminerunt, tam magnae in ea multitudines congregantur ei que laudem gratiae sine fine temporis confitentur, cui dicitur: Propterea populi confitebuntur tibi in saeculum et in saeculum saeculi.

IV. Si non ista ita demonstrantur esse perspicua, ut non inueniant oculi inimicorum in quam partem auertantur, ubi non eadem perspicuitate feriantur, ut ea fateri manifesta cogantur, merito fortasse dicitis, quod nulla uobis ostendantur indicia, quibus uisis credatis etiam illa quae [11] non uidetis. Si uero haec quae uidetis, et longe ante praedicta sunt et tanta manifestatione complentur; si se ipsa ueritas et praecedentibus uocibus et consequentibus declarat effectibus, o reliquiae infidelitatis, ut credatis quae non uidetis, iis erubescite quae uidetis.

7. “Me attendite”, uobis dicit ecclesia, “me attendite, quam uidetis, etiamsi uidere nolitis. Qui enim temporibus illis in iudaea terra fide-

lugar de teus pais, nascerão os teus filhos, e os fará príncipes sobre toda a terra; ela, mãe, soberana e súdita, que confia na oração deles, pelo que foi acrescentado: Lembrar-se-ão de teu nome, de geração em geração; se não fosse pela pregação desses pais, na qual o seu nome foi recordado sem interrupção, multidões tão grandes não se congregariam nela e não lhe renderiam incessantemente ação de graça, para quem é dito: Por isso, os povos te proclamam eternamente, pelos séculos dos séculos.

IV. Se essas coisas não se mostrassem tão evidentes, a ponto de os olhos dos inimigos não encontrem para onde se voltar, sem serem feridos por tal evidência, e serem obrigados a admiti-las de modo manifesto, então, talvez, poderíeis dizer que não vos são mostrados quaisquer indícios, vistos aqueles em que podeis crer, também naquelas coisas que vedes. Mas, se essas coisas que vedes foram previstas muito tempo antes e se cumpriram com tanta evidência; se a própria verdade vos é revelada seja pelas palavras anteriores, seja pelos efeitos que se seguiram, ó restos de infidelidade! A fim de que creiais naquilo que não vedes, envergonhai-vos das coisas que vedes”.

7. “Prestai atenção em mim — diz-vos a Igreja — prestai atenção no que vedes, embora não queirais ver. Aquelles que, realmente, naque-

les fuerunt, ex uirgine natiuitatem, mirabilia, passionem, resurrectionem, ascensionem Christi, omnia diuina dicta eius et facta praesentes praesentia didicerunt. Haec uos non uidistis: propterea credere recusatis. Ergo haec aspiciate, in haec intendite, haec quae cernitis cogitate, quae uobis non praeterita narrantur nec futura praenuntiantur, sed praesentia demonstrantur”.

“An uobis inane uel leue uideatur et nullum uel paruum testimonium putatis esse diuinum, quod in nomen unius crucifixi uniuersum genus currit humanum? Non uidistis quod praedictum et impletum est de humana Christi natiuitate: *Ecce uirgo accipiet in utero et pariet filium*, sed uidetis quod praedictum et impletum est ad abraham dei uerbum: *In semine tuo benedicentur omnes gentes*”.

“Non uidistis quod de mirabilibus Christi praedictum et impletum est: *Venite et uidete opera domini, quae posuit prodigia super terram*, sed uidetis quod praedictum est: *Dominus dixit ad me: ‘filius meus es tu; ego hodie genui te; postula a me, et dabo tibi gentes hereditatem tuam et possessionem tuam terminos terrae’*”.

les tempos, foram fiéis na terra da Judeia, aprenderam estes fatos diretamente como presentes: o nascimento de uma Virgem, os milagres, a Paixão, a Ressurreição e Ascensão de Cristo, e todas as coisas divinas ditas e feitas por Ele. Isso vós não vistes e por isso vos recusais a crer. Então, prestai atenção nessas coisas, e a elas atendei; pensai nas coisas que discernis, as quais não vos foram narradas como fatos do passado nem preanunciadas como do futuro, mas como do presente”.

“Parece-vos vão ou insignificante, e considerais que não há testemunhos divinos ou que são de pouca valia, que, no nome de um crucificado, acorra todo o gênero humano? Não vedes o que foi predito e cumprido do nascimento humano de Cristo: *Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho*, mas vedes que foi predita e cumprida a palavra de Deus a Abraão: *Em tua descendência serão benditas todas as nações*”.

“Não vistes o que foi predito e cumprido a respeito dos milagres de Cristo: *Vinde e vede as obras do Senhor, que fez prodígios sobre a terra* (Sl 45, 9), mas vedes o que foi predito: *Disse-me o Senhor: tu és meu filho; eu hoje te gerei; pede-me e dar-te-ei as nações por herança e os confins da terra como tua possessão*” (Sl 2, 7-8).

“Non uidistis quod praedictum est et impletum de passione Christi: *Foderunt manus meas et pedes meos, dinumerauerunt omnia ossa mea; ipsi uero considerauerunt et conspexerunt me; diuiserunt sibi uestimenta mea et super uestem meam miserunt sortem*, sed uideatis quod in eodem psalmo praedictum nunc [12] apparet impletum: *Commemorabuntur et conuertentur ad dominum uniuersi fines terrae et adorabunt in conspectu eius uniuersae patriae gentium; quoniam domini est regnum et ipse dominabitur gentium*.

“Non uidistis quod de resurrectione Christi praedictum atque completum est, loquente psalmo ex persona eius prius de traditore et persecutoribus eius: *Egrediebantur foras et loquebantur; simul in unum aduersus me susurrabant omnes inimici mei, aduersus me cogitabant mala mihi; uerbum iniquum disposuerunt aduersus me*. Vbi, ut ostenderet nihil eos ualuisse occidendo resurrecturum, subiecit atque ait: *Numquid qui dormit non adiciet ut resurgat?* Et paulo post, cum de ipso suo traditore per eandem prophetiam praedixisset, quod in euangelio quoque descriptum esse commemorauit: *Qui edebat panes meos, ampliauit super me calcaneum* (hoc est: conculcauit me), ibi continuo subdidit: *Tu autem, domine, miserere mei et*

“Não vistes o que foi predito e cumprido a respeito da Paixão de Cristo: *Transpassaram as minhas mãos e os meus pés, e contaram todos os meus ossos; eles me observaram e me olharam; dividiram entre si as minhas vestes e lançaram sorte sobre a minha túnica* (Sl 21, 17-19), mas vedes o que, no mesmo salmo, foi predito e que agora aparece cumprido: *Lembrar-se-ão e converter-se-ão ao Senhor, todos os confins da terra e o adoração em sua presença todas as famílias das nações, porque do Senhor é o reino e Ele dominará sobre as nações* (Sl 21, 28-29).

“Não vistes o que foi predito e cumprido a respeito da ressurreição de Cristo, a qual fala o salmo, sobretudo em relação a seu traidor e a seus perseguidores: *Saiam fora e falavam; todos juntos contra mim murmuravam todos os meus inimigos e contra mim meditavam fazer-me mal; uma palavra iníqua fizeram circular contra mim* (Sl 40, 7-9). Onde, para deixar claro que nada lhes valia matar aquele que haveria de ressuscitar, continuou dizendo: *Quem dorme não poderá talvez se reerguer?* (Sl 40, 9). E pouco depois, predizendo pela mesma profecia de seu próprio traidor, como está descrito também no Evangelho: *Quem comia o meu pão, levantou o calcanhar contra mim* (isto é: me calcará; Sl 40, 10), e em segui-

resuscita me, et reddam illis. Impletum est hoc: [13] dormiuit Christus et euigilauit, hoc est mortuus est et resurrexit. Qui per eandem prophetiam in alio psalmo ait: Ego dormiui et somnum cepi, et exsurrexi, quoniam dominus suscipiet me”.

“Verum hoc non uidistis, sed uidetis eius ecclesiam, de qua similiter praedictum est et impletum: *Domine Deus meus, ad te gentes uenient ab extremo terrae et dicent: ‘Vere mendacia coluerunt patres nostri simulacra, et non est in illis utilitas’.* Hoc certe, siue uelitis siue nolitis, aspiciatis, et si adhuc aliquam putatis esse uel fuisse in simulacris utilitatem, certe tamen innumeros gentium populos relictis uel abiectis uel confractis huiusmodi uanitatibus auditis dicere: *Vere mendacia coluerunt patres nostri simulacra et non est in illis utilitas: si faciet homo deos, et ecce ipsi non sunt dii”.*

“Ne putetis autem ad unum aliquem dei locum gentes praedictas fuisse uenturas, quoniam dictum est: *Ad te gentes uenient ab extremo terrae,* intellegite, si potestis, ad deum Christianorum, qui summus et uerus est Deus, non ambulando uenire populos gentium, sed cre-

da acrescenta: *Mas tu, Senhor, tem piedade de mim e ressuscita-me e eu os repagarei* (Sl 40, 11). Cumpriu-se assim: Cristo dormiu e acordou, ou seja, morreu e ressuscitou. Ele, que pela mesma profecia num outro salmo diz: *Eu dormi e adormeci, levantei-me, porque o Senhor me sustentará”* (Sl 3, 6).

É verdade tudo o que não vistes; mas vedes a sua Igreja, da qual semelhantemente foi predito e cumprido: *Ó Senhor meu Deus, a ti os povos virão do extremo da terra e dirão: ‘Na verdade, os nossos pais veneraram ídolos de mentira, nos quais não há utilidade’* (Jr 16, 19). Certamente, isso constatais, querendo ou não, e se ainda considerais que existe ou que houve alguma utilidade nos ídolos, entretanto certamente ouvistes que inumeráveis povos, depois de terem abandonado, refutado ou destruído as vaidades desse gênero, dizem: *Na realidade os nossos pais veneraram ídolos de mentira, nos quais não há utilidade. Se o homem pode fabricar deuses, eis que eles não são deuses”* (Jr 16, 19-20).

Entretanto, não considerais que os povos preditos viriam a um lugar qualquer de Deus: *A ti virão os povos da extremidade da terra* (Jr 16, 19), compreendei, se podeis, que ao Deus dos cristãos, que é sumo e vero Deus, os povos das nações não vêm caminhando, mas crendo. Com

dendo. Nam res eadem ab alio propheta sic praenuntiata est: *Praeualebit, inquit, dominus aduersus eos et exterminabit omnes deos gentium terrae; et adorabunt eum unusquisque de loco suo, omnes insulae gentium.* Quod ait ille: *Ad te omnes gentes uenient, hoc ait iste: Adorabunt eum unusquisque de loco suo.* Ergo uenient ad eum non rece-[14] dentes de loco suo, quia credentes in eum inuenient eum in corde suo”.

“Non uidistis quod praedictum et impletum est de ascensione Christi: *Exaltare super caelos, Deus,* sed uidetis quod continuo sequitur: *Et super omnem terram gloria tua*”.

“Illa de Christo iam facta atque transacta omnia non uidistis, sed ista praesentia in eius ecclesia uidere uos non negatis. Vtraque uobis praedicta monstramus, utraque autem impleta propterea demonstrare uidenda non possumus, quia reuocare in conspectum praeterita non ualemus”.

V, 8. Sed quemadmodum uoluntates amicorum, quae non uidentur, creduntur per indicia, quae uidentur, sic ecclesia quae nunc uidetur, omnium quae non uidentur, sed in eis litteris, ubi et ipsa est praedicta, monstrantur, et index est praeteritorum et praenuntia futurorum. Quia et praeterita, quae iam non possunt uideri, et futura, quae adhuc non

efeito, a mesma coisa foi preanunciada por outro profeta quando diz: *O Senhor prevalecerá contra eles e exterminará todos os deuses dos povos da terra; e todas as ilhas da terra o adorarão, cada uma em seu lugar* (Sf 2, 11). Como aquele que diz: *A ti todas as nações virão,* este diz: *Cada uma delas o adorará em seu lugar.* Portanto, veem a ele sem deixar o seu lugar, porque crendo nele o encontrarão em seu próprio coração”.

“Não vistes o que foi predito e cumprido a respeito da Ascensão de Cristo: *Eleva-Te acima do céus, ó Deus,* mas vistes o que se segue: *E pela terra inteira seja a tua glória*” (SI 107, 6).

“Vós não vistes todas as coisas que a respeito de Cristo aconteceram e já são passadas, mas as coisas presentes na sua Igreja, não podeis negar de não ver. Umas e outras vos mostramos como preditas, mas não as podemos demonstrar como cumpridas, porque não somos capazes de trazer à vista as coisas passadas”.

V, 8. Mas, assim como cremos nas boas disposições dos amigos, embora invisíveis, pelas provas visíveis, assim também a Igreja, que agora se vê, todas as coisas que não são vistas são por sua vez mostradas nos escritos em que ela mesma é predita; é sinal daquelas passadas e prenúncio daquelas futuras. Isso porque, tanto as coisas passadas, que já

possunt uideri, et praesentia, quae nunc possunt uideri, omnia futura erant, cum praenuntiarentur, et nihil horum poterat tunc uideri. Cum ergo fieri praedicta coeperunt, ex illis quae facta sunt usque ad ista quae fiunt, de Christo et ecclesia quae praedicta sunt, ordinata serie cucurrerunt; ad quam seriem pertinent: de die iudicii, de resurrectione mortuorum, de impiorum aeterna damnatione cum diabolo et piorum aeterna felicitate cum Christo, quae similiter praedicta uentura sunt. [15] Cur ergo res primas et nouissimas, quas non uidemus, non credamus, cum testes utrarumque res medias, quas uidemus, habeamus atque in propheticis libris et primas et medias et nouissimas uel audiamus praenuntiatas, antequam fierent, uel legamus? Nisi forte arbitrantur homines infideles a Christianis illa esse conscripta, ut ista, quae non credebant siue cernebant, maius haberent pondus auctoritatis, si, antequam uenirent, putarentur esse promissa.

VI, 9. Quod si suspicantur, inimicorum nostrorum iudaeorum codices perscrutentur. Ibi legant siue ista quae commemorauimus siue alia multo plura et paene innumera-

não podem ser vistas, como as futuras, que ainda não podem ser vistas, e ainda as presentes que agora podem ser vistas, eram todas elas ainda futuras quando foram renunciadas, e naquele tempo não se podia ver nada a respeito delas. Portanto, as coisas preditas começaram a acontecer, daquelas que aconteceram até estas que estão acontecendo, as coisas preditas sobre Cristo e a Igreja se sucederam numa série ordenada, à qual pertencem: o dia do juízo, a ressurreição dos mortos, a condenação eterna dos ímpios com o diabo e a eterna felicidade dos justos com Cristo, que por sua vez, previstas de modo semelhante, acontecerão. Por que, então, não devemos crer nas coisas antigas e nas futuras que não vemos, quando temos as coisas presentes que vemos como testemunhas de ambas e temos também nos livros proféticos, as coisas antigas, presentes e futuras, que escutamos ou lemos renunciadas antes que ocorressem? A não ser que os infiéis considerem que tenham sido escritas pelos cristãos, de modo que elas, que não criam ou discerniam, tivessem maior peso de autoridade, por considerá-las como prometidas antes que acontecessem.

VI, 9. Se suspeitam disso, que examinem atentamente os livros dos judeus, nossos inimigos. Que leiam lá todas as coisas que lembramos, ou ainda muitas outras quase inumerá-

bilia, quae non commemorauimus, praenuntiata de Christo, in quem credimus, et ecclesia, quam tenemus, ab initio laboriosae fidei usque ad sempiternam beatitudinem regni. Sed cum legunt, non mirentur quod ista illi, quorum codices sunt, propter inimicitiarum tenebras non intellegunt. Nam eos non intellecturos ab eisdem prophetis ante praedictum est; quod ut cetera oportebat impleri et occulto, sed iusto iudicio dei meritis eorum poenam debitam reddi. Ille quippe, quem crucifixerunt et cui fel et acetum dederunt, quamuis in ligno pendens propter eos, quos fuerat in lucem de tenebris ducturus, dixerit: *Pater, ignosce illis, quia nesciunt, quid faciunt*, tamen propter ceteros, quos occultioribus causis fuerat deserturus, per prophetam tanto ante praedixit: *Dederunt in [16] escam meam fel et in siti mea potauerunt me aceto. Fiat mensa eorum coram ipsis in musculam et in retributionem et in scandalum. Obscurentur oculi eorum, ne uideant, et dorsum illorum semper incurua*. Cum causae itaque nostrae praeclarissimis testimoniis circumquaque ambulant oculis obscuratis, ut per eos haec probentur, ubi et ipsi reprobentur.

veis que não lembramos, que foram prenunciadas sobre Cristo, em quem cremos, e da Igreja, à qual nos dirigimos, desde o difícil início da fé até a eterna bem-aventurança do reino. Mas, quando lerem, não se maravilhem que aqueles que possuem esses livros não compreendam tais coisas, devido às trevas da inimizade. De fato, que eles não tenham compreendido foi predito pelos próprios profetas; porque era necessário que isso se cumprisse, como todas as demais coisas, e inclusive para lhes dar uma justa pena, por meio do oculto, mas justo juízo de Deus. Realmente, crucificaram-No e deram-Lhe fel e vinagre, embora pendesse no madeiro por eles, aos quais haveria de conduzir das trevas à luz, e dizia: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* (Lc 23, 34); entretanto pelos outros, que por causas ocultas haveria de abandonar, predisse o profeta muito antes: *Como alimento deram-me fel, e na minha sede deram-me vinagre. Que a sua mesa seja armadilha para eles, como retribuição e como motivo de escândalo. Que os seus olhos fiquem turvos a fim de que não vejam, e as suas costas se encurvem para sempre* (Sl 68, 22-24). Assim, embora com os olhos ofuscados, eles vão por todas as partes do mundo com os mais claros testemunhos de nossa causa, de modo que, por meio deles, são confirmadas estas coisas, e assim eles mesmos são reprovados.

Ideo factum est, ne sic delerentur, ut eadem secta omnino nulla esset, sed sparsa est per terras, ut portans in nos collatae gratiae prophetias ad conuincendos firmiter infideles nobis ubique prodesset. Et hoc ipsum quod dico, accipite, quemadmodum fuerit prophetatum: *Ne occideris eos*, inquit, *ne quando obliuiscantur legem tuam: disperse eos in uirtute tua*. Non sunt ergo occisi in eo, quod non sunt, quae apud eos legebantur et audiebantur, obliti. Si enim scripturas sanctas, quamuis eas non intellegant, penitus obliuiscerentur, in ipso iudaico ritu occiderentur, quia, cum legis et prophetarum nihil nossent, iudaei prodesset non possent. Ergo occisi non sunt, sed dispersi sunt, ut, quamuis in fide unde salui fierent non haberent, tamen unde nos adiuuaremur memoria retinerent, in uerbis contradictores, in libris suffragatores, in cordibus nostris hostes, in codicibus testes.

[17] VII, 10. Quamquam etiam si prophetica de Christo et ecclesia testimonia nulla praecederent, quem non mouere deberet, ut crederet repente illuxisse diuinam humano generi claritatem, quando uideret relictis diis falsis et eorum confractis usquequaque simulacris, templis

Isso foi feito a fim de que não fossem destruídos e que a mesma seita não fosse reduzida a nada; mas dispersa pelo mundo, para que levando as profecias das graças reservadas para nós, fossem-nos úteis em todas as partes para mais firmemente vencer os infiéis para nós. E isso mesmo que digo, escutai, como foi profetizado: *Não os mates, a fim de que não se esqueçam jamais de sua lei: dispersai-os com o teu poder* (Sl 58, 12). Portanto, não foram mortos enquanto não se esqueceram daquelas coisas que entre eles eram lidas e ouvidas. Se, em verdade, eles se esquecessem completamente das Sagradas Escrituras, mesmo sem as entender, seriam mortos no próprio rito judaico, porque, não conhecendo nada da lei e dos profetas, os judeus não poderiam ter qualquer utilidade. Assim, eles não foram mortos, mas dispersos, a fim de que, embora não tendo a fé pela qual seriam salvos, entretanto, conservariam a memória para a nossa ajuda: nas palavras são opositores, nas Sagradas Escrituras, sustentadores, nos nossos corações, inimigos, nos livros, testemunhas.

VII, 10. Ademais, ainda que a respeito de Cristo e da Igreja não precedessem testemunhos proféticos, quem não deveria se mover a crer que a divina clareza iluminasse repentinamente o gênero humano, não veria os deuses falsos abandonados e as suas estátuas destruídas por

subuersis siue in usus alios commutatis atque ab humana ueternosissima consuetudine tot uanis ritibus extirpatis unum uerum deum ab omnibus inuocari et hoc esse factum per unum hominem ab hominibus illum, comprehensum, uinctum, flagellatum, expalatum, exprobratum, crucifixum, derisum, occisum? Discipulos eos idiotas et imperitos et piscatores et publicanos, per quos eius magisterium commendaretur, elegit: annuntiantes eius resurrectionem et in caelum ascensionem, quam se uidisse dixerunt, et impleti spiritu sancto hoc euangelium linguis omnibus, quas non didicerant, sonuerunt. Quos qui audierunt, partim crediderunt, partim non credentes praedicantibus ferociter restiterunt, ita fidelibus usque ad mortem pro ueritate, non mala rependendo sed perpetiando certantibus, nec occidendo sed moriendo uincuntibus.

Sic in istam religionem mutatus est mundus, sic ad hoc euangelium corda conuersa mortalium, marium et feminarum, paruulorum atque magnorum, doctorum et indoctorum, sapientium et insipientium, potentium et infirmorum, nobilium et ignobilium, excelsorum et humilium, et per omnes gentes [18] ecclesia diffusa sic crescit, ut etiam contra ipsam catholicam fidem nulla

toda a parte, demolidos os templos ou destinados a outros usos e extirpados todos os ritos vãos dos costumes humanos tão estéreis, e um só Deus verdadeiro haveria de ser invocado por todos? Isso foi feito por um homem ultrajado pelos homens, capturado, atado, flagelado, esbofetado, exprobadado, crucificado, desprezado, zombado, morto. Ele elegeu, para difundir o seu ensinamento, discípulos ignorantes e incompetentes, pescadores e publicanos, os quais anunciaram a sua Ressurreição e Ascensão ao Céu, dizendo que a tinham visto, e, cheios do Espírito Santo, proclamaram esse Evangelho em todas as línguas, sem as ter aprendido. E entre os que os escutaram, alguns creram e outros não, opondo-se ferozmente à pregação deles. De tal modo, que os fiéis eram capazes de lutar pela verdade até a morte, não retribuindo com males, mas combatendo com a resistência; venciam-nos não matando, mas com a morte.

Assim, o mundo foi mudado por esta religião, assim foram convertidos por este Evangelho os corações dos mortais, homens e mulheres, pequenos e grandes, doutores ou não instruídos, sábios ou insensatos, poderosos ou débeis, nobres ou simples, gente elevada ou humilde, e assim por todas as nações a Igreja se difundiu e cresceu, a fim de que também contra a própria fé católi-

secta peruersa, nullum genus exoriatur erroris, quod non ita reperiat Christianae ueritati aduersari, ut tamen affectet atque ambiat Christi nomine gloriari; quod quidem non sineretur pullulare per terram, nisi exerceret sanam et ipsa contradictio disciplinam.

Quando tantum crucifixus ille potuisset, nisi Deus hominem suscepisset, etiamsi nulla per prophetas futura talia praedixisset? Cum uero tam magnum pietatis sacramentum habuerit antecedentes uates suos atque praecones, quorum diuinis uocibus est praenuntiatum, et sic uenerit, quemadmodum est praenuntiatum, quis ita sit demens, ut dicat apostolos de Christo fuisse mentitos, quem sic uenisse praedicauerunt, quemadmodum eum uenturum prophetae ante praedixerunt, qui nec de ipsis apostolis uera futura tacuerunt. De his quippe dixerunt: *Non sunt loquela neque sermones, quorum non audiantur uoces eorum: in omnem terram exiit sonus eorum et in fines orbis terrae uerba eorum.* Quod certe in orbe uidemus impletum, etsi in carne non uidimus Christum. Quis itaque, nisi mirabili dementia caecus aut mirabili pertinacia durus ac ferreus, nolit habere sacris litteris fidem, quae totius orbis praedixerunt fidem?

ca não haja nenhuma seita perversa, não surja nenhum gênero de erro que afete ou ambicione gloriar-se do nome de Cristo. Certamente, não seria permitido que isso pululasse sobre a terra, a não ser que a própria oposição servisse de estímulo para a sã disciplina.

Como aquele Crucificado teria podido realizar coisas grandes, se Deus não Se tivesse feito homem, mesmo que não tivessem sido previstas nenhuma dessas coisas futuras pelos profetas? Mas, como um tão grande símbolo de amor foi precedido por seus profetas e arautos, por cujas vozes divinas foi prenunciado, assim aconteceu do mesmo modo que foi predito. Quem seria tão louco em dizer que os Apóstolos teriam mentido sobre Cristo, de quem pregaram que veio, tal como tinha sido predito pelos profetas, os quais não se calaram sobre o que verdadeiramente ocorreria com os próprios Apóstolos. Deles, com efeito, disseram: *Não são linguagens nem discursos, cujas vozes não sejam ouvidas: por toda a Terra espalha o seu ruído e até os confins do mundo as suas palavras* (Sl 18, 4-5). Isso certamente vemos cumprido em todo o mundo, mesmo não tendo visto Cristo na carne. Quem, portanto, a não ser que esteja cegado por uma loucura extraordinária, ou seja, duro ou férreo de uma pertinácia extraordinária, não quer ter fé nas Sagradas

[19] VIII, 11. Vos autem, carissimi, qui hanc fidem habetis uel qui nunc nouam habere coepistis, nutriatur et crescat in uobis. Sicut enim uenerunt temporalia tanto ante praedicta, uenient et sempiterna promissa. Nec uos decipiant uel uani pagani uel falsi iudaei uel fallaces haeretici nec non in ipsa catholica mali Christiani, tanto nocentiores, quanto interiores inimici. Quia et hinc ne perturbarentur infirmi, prophetia diuina non tacuit, ubi loquens in canticum canticorum sponsus ad sponsam, id est Christus dominus ad ecclesiam, *Sicut lilium, inquit, in medio spinarum, ita proxima mea in medio filiarum*. Non dixit: “in medio extraneorum”, sed: *In medio filiarum*.

Qui habet aures audiendi, audiat: et dum sagena quae missa est in mare et congregat omnia genera piscium, sicut sanctum loquitur euangelium, trahitur ad litus, id est ad saeculi finem, secernat se a piscibus malis corde, non corpore, mores malos mutando, non retia sancta rumpendo, ut qui nunc probati reprobis uidentur esse permixti, non poenam, sed uitam reperiant sempiternam, cum coeperint in litore separari.

Escrituras, onde estava predita a fé de todo o mundo?

VIII, 11. Quanto a vós, caríssimos, que tendes esta fé, ou que agora começastes ter, que ela seja nutrida e cresça em vós. Assim como, realmente, aconteceram os eventos temporais preditos tanto tempo antes, assim realizarão também as promessas sempiternas. Não vos enganem nem os vãos pagãos, nem os falsos judeus, nem os hereges falaciosos e nem mesmo os maus cristãos na própria [Igreja] Católica, inimigos tanto mais nocivos, quanto mais internos. Porque também disso, a fim de não conturbar os fracos, a profecia divina não se cala, donde no Cântico dos Cânticos, o esposo fala à esposa, isto é, Cristo Senhor à Igreja, dizendo: *Como um lírio no meio dos espinhos, assim é minha amada em meio às filhas* (Ct 2, 2). Não disse “no meio das estranhas”, mas *em meio às filhas*.

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça (Mt 13, 9): além disso, quando a rede é lançada ao mar e reúne todo tipo de peixe, como fala o santo Evangelho, é trazida à margem, isto é, ao fim dos tempos; separam-se os peixes maus com o coração, não com o corpo, ou seja, mudando os maus costumes e não rompendo as redes santas. De modo que os probos que se veem misturados com os réprobos, recebam não uma pena, mas a vida sempiterna, quando na margem começar a separação.